

O Congresso norte-americano quer explicações do governo sobre um programa que dá uma espécie de bolsa a cientistas nucleares da extinta União Soviética para evitar que ajudem países com ambições atômicas. As Iniciativas para Prevenção da Proliferação (IPP), um programa coordenado pelo Departamento de Energia, já destinaram US\$ 309 milhões desde 1994 a 17 mil pesquisadores comprometidos em trabalhar em

tecnologias pacíficas, oriundos de países como Rússia, Ucrânia, Casaquistão e Usbequistão. O programa foi idealizado para atenuar um problema emergencial - o desemprego em massa de pesquisadores após a desintegração soviética -, mas acabou se desvirtuando. Segundo reportagem da revista *Nature*, menos da metade dos cientistas patrocinados atualmente tem *expertise* em armas e o programa vem recrutando novos especialistas, muitos deles jovens demais para terem participado da corrida armamentista dos tempos da Guerra Fria. Elena Sokova, do Centro James Martin para Estudos sobre Não-Proliferação Nuclear, apóia o programa e diz que pagar os cientistas ajuda efetivamente a evitar que trabalhem com armas. Segundo ela, uma pesquisa feita em 2003 com 600 cientistas russos concluiu que 20% deles cogitavam trabalhar para governos acusados de dar apoio a grupos terroristas.



LAURABEATRIZ

> Conselhos desautorizados

O governo canadense decidiu abolir o cargo de conselheiro nacional em ciência a partir deste mês, após 4 anos de serviços prestados por Arthur Carty, pesquisador da área de química. No lugar será criado um comitê assessor de ciência, tecnologia e inovação composto por 17 executivos da indústria,

ministros e cientistas. David Anderson, diretor de um instituto ambiental em Ontário e ex-ministro do Meio Ambiente, disse que a mudança mostra o desinteresse do governo por assuntos científicos. E lembrou que Carty deve ter passado maus bocados dando conselhos a autoridades que tentaram desacreditar pesquisas sobre mudanças climáticas.

“Não considero que, nestes 4 anos, o governo tenha compreendido o papel que um conselheiro de ciência pode desempenhar”, disse Carty à revista *Nature*.

> Acesso livre em Harvard

A Universidade Harvard, nos Estados Unidos, deu uma contribuição

O acoplamento do módulo europeu Columbus à Estação Espacial Internacional (ISS, na sigla em inglês), em meados de fevereiro, conferiu à Agência Espacial Européia (ESA) um novo *status* na estação. “Estamos passando do estágio de passageiro para o de um parceiro totalmente apto”, disse Jean-Jacques Dordain, diretor-geral da ESA, segundo o *site* da agência. Com o Columbus, a Europa poderá realizar seus próprios experimentos, além de manter astronautas na equipe residente, sem precisar fazer acordos com as agências da Rússia e dos Estados Unidos - as únicas a instalarem módulos na ISS até então. O módulo será operado e controlado por um centro da ESA em Oberpfaffenhofen, na Alemanha. O laboratório Columbus tem 6,8 metros de comprimento e 4,4 metros de largura. Leva 2,5 toneladas em equipamentos científicos. A ESA gastou US\$ 2 bilhões em seu desenvolvimento e construção, iniciados em 1992, e espera que o Columbus tenha uma vida útil de pelo menos 1 década.

AFIRMAÇÃO EUROPEIA



importante ao movimento que propõe o acesso livre e gratuito a publicações científicas. A Faculdade de Artes e Ciências (FAS, na sigla em inglês) da universidade decidiu tornar públicos todos os artigos divulgados por seus pesquisadores a partir do mês passado. “Isso deve servir como uma mensagem para a comunidade acadêmica no sentido de que devemos ter maior controle sobre como nosso trabalho é usado e disseminado”, disse Stuart Shieber, professor da FAS. Os artigos ficarão disponíveis numa base de dados da internet. A decisão obriga os pesquisadores a publicar seus artigos em revistas que não ofereçam restrições ao acesso livre. A Escola Médica Harvard também está trabalhando numa iniciativa para levar o modelo de acesso aberto a todos os artigos resultantes de pesquisas apoiadas pelos Institutos Nacionais de Saúde.

MÉDICOS SEM FRONTEIRAS



Médicos sem Fronteiras: polêmica

➤ Botânicos amordaçados

Estudo publicado por um grupo de botânicos indianos sugere que a legislação restritiva do país sobre biodiversidade está sufocando a pesquisa neste campo. O artigo, publicado na revista *Current Science*, da Academia de Ciências da Índia, diz que os pesquisadores vivem uma situação de isolamento devido à proibição de enviar amostras para bancos internacionais e trocar material de pesquisa com colegas de outros países. “Embora combater a biopirataria seja uma preocupação legítima, também é importante proteger os interesses dos cientistas engajados em pesquisas fundamentais”, disse K. D. Prathapan, da Universidade Agrícola Kerala. As restrições são especialmente prejudiciais no campo da taxonomia, em que a identificação

dos saíram, os dirigentes da MSF publicaram uma crítica violenta em seu *website*. A queixa: os artigos pouco falaram dos alimentos terapêuticos feitos à base de amendoim, que têm alto teor calórico e protéico e podem ser usados em tratamentos domiciliares. “Ao deixar de endossar essa estratégia, os autores estão minando o apoio a uma intervenção capaz de salvar vidas”, declarou o MSF. Um dos membros do grupo de pesquisa, o paquistanês Zulfiqar Bhutta, enviou um *e-mail* à revista *Science* lembrando que os estudos recomendam o tratamento da desnutrição em domicílio. O problema, diz, é que não foram encontrados estudos clínicos capazes de avaliar os efeitos dessa estratégia na mortalidade. Richard Horton, editor do *The Lancet*, reclamou que a polêmica teve o dom de abortar o debate de alto nível que a revista esperava criar com os artigos. “Isso é imperdoável”, afirmou.

precisa de plantas e animais exige comparações com espécies semelhantes presentes em diferentes países.

➤ Fontes alternativas

Em busca de parcerias, o governo do Peru vai apresentar a investidores privados 35 grandes projetos no campo de energias renováveis, com o objetivo de reduzir a dependência do país em petróleo. As iniciativas

PRATO DE RESISTÊNCIA

A revista de saúde *The Lancet* suspendeu temporariamente a publicação de artigos de autores da organização Médicos Sem Fronteiras (MSF), em resposta a uma polêmica envolvendo uma série de estudos sobre desnutrição divulgados em janeiro na revista e produzidos por um grupo de pesquisadores. Patrocinado pela Fundação Bill e Melinda Gates, o grupo explorou as causas e as consequências da desnutrição e avaliou vários tipos de intervenção. Logo que os estu-

vão exigir investimentos de US\$ 35 bilhões ao longo de 15 anos. Quinze projetos prevêem a construção de hidrelétricas. Outros incluem o aproveitamento de energia das marés e do Sol. “Queremos enviar uma mensagem clara: o Peru vai fazer de tudo para diversificar suas matrizes energéticas e tirar partido de todas as fontes que puder”, disse à agência *SciDev.Net* Pedro Gamio, representante do Ministério da Energia peruano.



NASA

O módulo Columbus chega à estação



BORIS ARTZYBASHEFF

➤ **Sacrifício de elefantes**

Para controlar o excesso de elefantes em seu território, a África do Sul retomará em maio o sacrifício seletivo desses animais, que vigorou entre 1967 e 1994 matando 14.562 deles, de acordo com dados oficiais. “Vamos permitir o sacrifício em algumas partes do país, mas não há intenção que se transforme em um massacre de grande escala”, afirmou o ministro do Meio Ambiente, Marthinus van Schalkwyk, de acordo com a agência *EFE*. Na África do Sul há muito mais elefantes – cerca de 20 mil – do que seu ecossistema pode permitir. A maioria, perto de 14 mil, vive no Parque Nacional Kruger, cuja capacidade é de 7.500 animais. A superpopulação dos vorazes elefantes arrasa a vegetação natural e faz faltar comida para outros animais que habitam o parque. Outras estratégias foram articuladas, como a esterilização ou a transferência de animais para outras regiões, sem resultados satisfatórios. O sacrifício será feito por meio de rifles, mas o governo descarta abrir os parques públicos para caçadores, como acontece em parques privados. “As práticas cruéis não serão permitidas”, afirmou o ministro Van Schalkwyk.

Qual foi o exato papel dos cientistas alemães no apoio ao regime nazista?

Num esforço para responder a essa pergunta, o Conselho de Pesquisa da Alemanha (DFG) patrocinou uma investigação de sua própria história, que está sendo concluída. Em entrevista à revista *Nature*, o historiador Ulrich Herbert, da Universidade Freiburg, disse que nenhum novo crime foi descoberto. Mas informações sobre pedidos de bolsas e de apoio mostram que muitos professores ajudaram a traçar planos expansionistas para o pós-guerra de uma Alemanha vitoriosa – planos que teriam matado mais de 30 milhões de pessoas. Também se constatou que o expurgo de um quarto dos docentes das universidades, entre judeus e opositores, atrasou o desenvolvimento da biologia celular e molecular no país. A investigação mostrou que certas atrocidades, como a eutanásia de deficientes mentais, basearam-se em idéias que vicejaram em vários países nos anos 1920 e 1930. “Mas tais idéias ganharam forma apenas na Alemanha de Hitler”, disse Herbert.

À SOMBRA DO NAZISMO

foi um pretexto dos norte-americanos para promover testes de armas de defesa. A China exigiu que os Estados Unidos ofereçam todas as informações disponíveis a respeito da destruição do satélite. “Continuamos monitorando o possível dano à segurança no espaço e o possível dano à segurança de outros países”, afirmou o porta-voz do Ministério do Exterior chinês, Liu Jianchao, de acordo com a agência *BBC*. Para o Ministério do Exterior russo, a operação foi uma resposta dos Estados Unidos à China, que no ano passado destruiu um satélite de forma semelhante – e foi duramente criticada pelos norte-americanos. Segundo os russos, a ameaça representada pelo satélite não justificava o uso de um míssil.

➤ **Guerra nas Estrelas?**

O uso de um míssil para destruir um satélite espião defeituoso norte-americano foi duramente criticado por autoridades russas e chinesas. O governo dos

Estados Unidos sustenta que a derrubada foi necessária porque o satélite estava descontrolado, carregava combustível tóxico e podia representar uma ameaça quando reentrasse na atmosfera. Para a Rússia e a China, a operação